

O PEIXE E A REDE

O Migrante e o Albergue no Discurso dos Responsáveis e Funcionários da AVIM

*Sidnei Marco Dornelas**

A expressão que dá título a este artigo foi utilizada várias vezes pelo grupo de pesquisa que se formou para estudar as práticas institucionais de acolhimento de migrantes na cidade de São Paulo.¹ No início ela parecia sintetizar uma hesitação do grupo de pesquisa entre colocar o seu foco de interesse no migrante que estava sendo “acolhido” ou na instituição que se pretendia “acolher” os migrantes.² Aos poucos percebeu-se que a expressão, na verdade, revelava muito mais sobre a complexidade do objeto de análise. Percebeu-se que não se poderia estudar o migrante sem levar em consideração o modo como a instituição o representava concretamente, o atendia e julgava a sua situação; como também o modo pelo qual ela se representava a si mesma, no seu papel de acolher migrantes e na sua estruturação como instituição.

Desde o início o pólo de interesse era o migrante que estava sendo atendido pela instituição, ou seja, o “peixe”. No entanto, o “peixe” que será conhecido, será necessariamente aquele que a “rede” permitir que seja apanhado (ou que se deixará apanhar por esta “rede”). Por outro lado, a “rede” só pode ser entendida na sua função de apanhar peixes: a sua justificação se encontra justamente na prática de apanhar “peixes”, ao custo de que os outros “objetos” que caírem nela sejam confundidos com “peixes”. Assim, o “peixe” que será efetivamente abordado, será aquele que a “virtualidade” das malhas

da “rede” permitirão efetivamente conhecer. O conhecimento sobre aqueles que são atendidos pela instituição passa necessariamente pelo filtro das representações daqueles que dão existência real a esta instituição. Interrogando aqueles que formam concretamente esta “rede”/instituição - aqueles que tentam lhe dar uma justificação e orientá-la, que a dominam, que a controlam, que são concretamente as suas malhas - surgem várias questões, que não deixam de suscitar espanto até mesmo nos próprios agentes. Que “peixe”/migrante é este que se encontra nas malhas desta “rede”/instituição (se tanto é que ele seja realmente um “migrante”)? Como se realiza o atendimento dentro desta instituição? Como cada agente vê a sua atuação dentro e fora da instituição? Que significado ela reveste? Como se constituem as relações que dão existência a esta instituição, na qual ela se insere e se deixa refletir ou confrontar? Como, desta forma, ela ensaia uma definição de si própria?

Essas são algumas interrogações que orientam este pequeno trabalho. A mútua imbricação entre “o peixe e a rede”, entre a instituição que pretende “acolher” e o atendido, nesse sentido, subjaz a proposta de se estudar o “imaginário” dos agentes que atuaram e fizeram funcionar a instituição AVIM (Associação dos Voluntários pela Integração do Migrante), entre os anos de 1989 e 1992, a partir do seu discurso tal como foi coletado por entrevistas concedidas aos integrantes do grupo de pesquisa. Nelas verificar-se-á como esta

mútua imbricação se manifesta no “imaginário” dos agentes, como um elemento sempre se remete ao outro, configurando aquilo que seria realmente aquela instituição naqueles anos.

OS AGENTES ATUANTES NA INSTITUIÇÃO

Antes de discorrer propriamente sobre o conteúdo do discurso dos agentes, faz-se necessário contextualizar a instituição em questão, a realização das entrevistas, os entrevistados propriamente ditos, bem como a sua condição social e seu lugar dentro e diante desta instituição. Particularmente importante é verificar como eles percebem a sua relação peculiar com a instituição, que significação ela assume. A AVIM é uma associação de voluntários, sem ligação estatutária com qualquer órgão do Estado, mas que teve a sua fundação e mesmo o seu funcionamento apoiado pelos padres ligados à Pia Sociedade de São Carlos³. Com recursos limitados, ela recebe uma subvenção da Prefeitura e é levada à frente por um grupo limitado de pessoas, assumindo concretamente a forma “albergue”, sobretudo do início dos anos 80 em diante. Foram quatro as entrevistas realizadas com algumas dessas pessoas, ocorridas entre os anos 1992 e 1996. Elas não aconteceram com o objetivo da realização específica de um artigo como este, mas sim como um meio de se obter informações para o andamento da pesqui-

sa no seu aspecto mais geral. Nesse sentido, elas não foram direcionadas com a intenção de responder às questões que aqui se colocam, mas estiveram condicionadas por um determinado momento histórico e pelo estágio mais ou menos avançado da pesquisa. Dessa maneira, o entrevistado Adão foi chamado numa etapa bastante inicial da pesquisa em que se buscava informações bastante generalizadas sobre a AVIM e sua atuação⁴. No momento em que houve o contato com a entrevistada Dinah, entretanto, o grupo já estava numa fase mais avançada, e tinha um foco de interesse bastante específico sobre os livros de registro do albergue, sobre o seu modo de preenchimento e os encaminhamentos que eram dados. Os entrevistadores foram sempre diferentes em cada ocasião, mantendo porém um perfil básico comum (a base sempre foi o grupo de pesquisa CEM/USP). No entanto, o contexto de tempo e espaço em que as entrevistas se deram também apresenta diferenças. Além delas terem acontecido

de maneira espaçada no tempo, os locais e o volume de público foi diferente em algumas ocasiões. Por exemplo, o entrevistado Benedito falou a dois integrantes do grupo numa sala fechada, enquanto a entrevistada Carmem foi convidada a falar num espaço mais aberto e para um público um pouco mais largo do que o grupo de pesquisa. Apesar desses fatores condicionarem o modo como a entrevista se deu e o modo como o seu conteúdo foi exposto, eles não chegaram a inibir a manifestação dos entrevistados, havendo momentos em que houve declarações até mesmo surpreendentes, na medida em que revelaram mais profundamente o modo como se dava o funcionamento da instituição através dos seus agentes.

Caberia então conhecer mais de perto aqueles que foram os entrevistados e como eles se apresentam a si próprios ao longo da entrevista. Sendo uma instituição civil, autônoma, mas com fortes laços ligando-a a uma entidade da Igreja Católica, o grupo foi levado a entrevistar inicialmente o

padre que a acompanhava mais de perto. O entrevistado Adão, que concedeu a entrevista em dezembro de 1992, era o **padre** responsável pela instituição, possuindo um cargo próprio definido pelo estatuto, o de "superintendente", que acompanha o seu andamento em nome da Pia Sociedade dos Missionários de São Carlos. Como se tratava de alguém de educação de nível superior, o seu discurso é mais elaborado sobre a instituição, seus objetivos, sua atuação e seus problemas, refletindo assim a sua condição de padre e intermediário entre diferentes entidades.

O entrevistado Benedito, que falou ao grupo em outubro de 1993, veio do Ceará, possuía uma educação do nível básico incompleta e era conhecido como o **porteiro** do albergue. Depois de alguns anos em São Paulo, passando por alguns infortúnios, entrou na AVIM como albergado, sendo convidado meses depois para ser funcionário da casa. Pelo que declarou, tinha como função controlar não só quem entrava e saía, mas também manter a disciplina

Foto: Arquivo da Pastoral dos Latinos/SP



interna da instituição, bem como ajudava em diversas tarefas necessárias para o seu funcionamento cotidiano.

Já a entrevistada Carmem foi ouvida em maio de 1995, é professora na sua ocupação de origem e tinha uma posição chave dentro da AVIM, pelo fato de ser considerada uma de suas fundadoras, junto com o padre que teve a inspiração original de sua criação. Depois da morte desse padre, tornou-se praticamente aquela que encabeçava e orientava o funcionamento diário do albergue. Por isso, entre outras coisas, é apontada também nas outras entrevistas, com exceção de Adão, como a “fundadora” e procurava fazer-se respeitar como tal.

Enfim, o encontro com a entrevistada Dinah aconteceu em maio de 1996, e é a única que foi chamada de fora da instituição e contratada para exercer uma função específica, como **assistente social**. O motivo teria sido que, para se obter o convênio junto à Prefeitura, uma das exigências avançadas fora a de que a instituição tivesse uma assistente social. Possuindo este referencial empregatício claro e consciente da função que exercia, no seu discurso ela discorreu sobre as suas tarefas específicas no funcionamento da instituição, como o preenchimento dos livros de registro, da planilha e encaminhamentos a serem feitos - isto, inclusive, como já foi referido, por demanda do próprio grupo de pesquisa.

Depois de conhecer melhor quem são as pessoas entrevistadas, pergunta-se agora como cada agente, no seu discurso, percebe o seu posicionamento frente à instituição e como se situa dentro dela. O que ela significa para cada um deles? Como representam o caminho que os colocara em relação a ela? Em que termos se coloca esta relação entre o indivíduo entrevistado e a instituição em que atuavam? Adão, na sua condição de padre, trata a instituição como a “obra”. É a partir de um discurso idealista, moral e religioso que ele interpreta a sua situação. Em função da sua vocação e compromisso religioso com a Congregação de que faz parte, ele foi enviado a trabalhar nesta “obra”. Nesse sentido, ele apresenta um discurso ideal daqueles que seriam os objetivos

originais da instituição, o seu projeto mais genuíno, bem como o significado de sua inserção (“solidariedade”, “presença sensível”, “profética”). Declara isso a todo momento, embora constantemente faça o contraponto, com uma consciência aguda da situação real e problemática em que se encontrava o albergue.

Por outro lado, Benedito cita muito poucas vezes a palavra “AVIM”, geralmente para se referir ao lugar onde morava e trabalhava. O mal-estar de se viver e trabalhar em tal lugar é referido quando fala de suas primeiras impressões sobre o albergue: “*Fiquei até com medo, pensei que era uma cadeia*”. Quando se trata de falar de sua permanência ali, apesar deste mal-estar e dos constantes contratempos, e de como se relacionava com a instituição, ele menciona sempre seu trato com o diretor responsável pela gestão econômica do albergue⁵. Numa situação de permanência instável, tentativas de sair e um cotidiano marcado pela violência, percebem-se os sinais de uma relação em que predomina o **clientelismo**, onde as relações pessoais com o chefe (ou “*a chefia*”) se sobrepõem às relações de caráter mais funcional.

No sentido oposto se encontra Dinah, que como contratada, apresenta uma consciência extremamente clara de sua situação de funcionária e de sua qualificação no interior da instituição. Nesse sentido, a AVIM era para ela **local de trabalho**, e ela deveria prestar contas de seu serviço para a diretoria (a “*parte administrativa*”), bem como para a Prefeitura e se relacionar com as outras instituições (e suas administrações, assistentes sociais, etc). No seu caso, apesar de seu relacionamento bastante próximo com Carmem, as relações funcionais se sobrepõem às relações puramente pessoais de subordinação.

Já Carmem merece um pouco mais de atenção, pelo fato de ser reconhecida e se fazer respeitar como a “fundadora”. Juntamente com Adão, possui também uma consciência bastante clara dos objetivos da instituição. Ao contrário dele, porém, não possui um discurso idealista e abstrato destes objetivos, mas os situa nas tarefas mais básicas do cotidiano do albergue. Para ela tratava-se de conversar, orientar, dar alimentação, cuidar dos “*velhinhos*”,

assegurar a “*mamadeira*” das crianças, pois a AVIM era uma “*casa de acolhida*”. Apesar dessa consciência dos objetivos da instituição, o seu discurso parece algo conformado, azedo, ressentido contra outras instituições, possíveis “*voluntários*” ou parceiros na condução da instituição. Parece também um discurso pouco condescendente com aqueles que seriam os atendidos pela instituição. Sob a marca do ressentimento, ela não só justifica as precárias condições de funcionamento do albergue, mas se apresenta como a única (e legítima) herdeira daquilo que teria sido o projeto inicial da AVIM. Ela seria aquela que estaria sustentando a AVIM (com ajuda do diretor econômico) e a única que teria autoridade de falar em nome desta instituição. Quando fala de sua motivação pessoal, Carmem exprime a sua ligação afetiva, e mesmo possessiva com a instituição que ajudou a fundar, e que tinha para ela tanta importância quanto sua própria família. Era como se fosse seu próprio **filho**:

“Eu acho que a AVIM é como um filho meu; eu tenho três filhos, eu tenho netos, tudo. Mas eu acho que a AVIM é como um filho meu. Como eu fui fundadora tenho aquele amor. (...) Eu vou todos os dias. Na minha casa, se vem visita, é até duas e meia; são meus filhos, almoçam de domingo e já sabem. Todo mundo já entende que quando for três e meia eu tenho que estar na AVIM. É o amor que faz, aquilo lá é como um filho meu, que eu não dou pra ninguém enquanto puder. Não deixo ninguém pegar.”

A partir desse quadro preliminar, já podemos observar que devemos manejar com cuidado o termo “instituição” quando se trata da AVIM. Percebe-se como os poucos agentes que atuavam no seu interior apresentam visões díspares sobre o significado da instituição e de sua própria presença no seu interior. Pode-se suspeitar que este quadro já indique o modo como se organizava o espaço interno da instituição, o modo como ela se situava frente às outras instituições com que devia se relacionar na sua prática cotidiana, e o modo como definia e tratava aqueles que são atendidos nas suas dependências, entre os quais talvez haja o migrante.

A INSTITUIÇÃO (OU A "REDE")

Na tentativa de se perceber através das entrevistas como se estruturava a instituição e como era organizado o seu espaço interno e se dava o seu funcionamento, uma das primeiras impressões que se teve foi a de que se tratava de uma "instituição" onde o seu caráter mais formal, que nos faz defini-la como tal, não se apresentava bem delineado. A impressão que se tinha era a de uma entidade sem "espinha dorsal", onde as relações pessoais se sobrepunham às relações formais e funcionais. Estas, por sua vez, não se estruturaram suficientemente, seja pelo tamanho reduzido da instituição, seja pelo modo como nasceu e se desenvolveu ao longo do tempo. O que parece predominar é um arranjo de relações pessoais que asseguravam o funcionamento do albergue e a sua continuidade ao longo do tempo: relações afetivas-matriarcais, de clientelismo, de assistencialismo e dependência. Nesse sentido é que os agentes em questão parecem não possuir uma idéia clara e unânime sobre a finalidade da AVIM. Todos parecem saber que ela se destinava aos migrantes, porém com uma idéia muito precária de quem eram esses migrantes e se o trabalho da instituição estaria realmente voltado para eles. Com exceção de Adão, todos parecem de tal maneira absorvidos pelas tarefas diárias do albergue que colocam estas questões em segundo plano. Somente Adão faz uma reflexão crítica e explícita sobre a forma "albergue" de atendimento, contrapondo-a àquilo que deveria ser um plano de objetivos originais da instituição. Assumindo como seus esses objetivos, analisa o modo como tem funcionado o albergue, e se colocando na posição de "planejador", de alguém que deve "gerenciar" o projeto, repete por várias vezes qual seria a sua principal carência: "recursos humanos". Esta contraposição constante entre o ideal que ele desejaria, e a realidade do albergue - feita de improviso, violência, precariedade, miséria - é uma constante na sua entrevista.

No entanto, em todas as entrevistas podemos colher impressões destes agentes sobre as outras instituições da qual dependia a AVIM, e com as quais ela devia

obrigatoriamente se relacionar (e por conseguinte, eles próprios). Impressões essas que se somam àquelas outras que eles elaboravam sobre o cotidiano do albergue, com sua rotina diária, seus problemas mais frequentes, suas normas, e os meios de registro e regulação da disciplina. Ao longo destes relatos a própria instituição "AVIM" vai ganhando um rosto próprio, assim como aquele que vem sendo atendido dentro de suas estruturas.

As instituições com que se relaciona a AVIM

Ao longo das entrevistas, os agentes eram chamados a comentar sobre as outras entidades com as quais a AVIM se relacionava, seja por demanda dos entrevistadores, seja por vontade própria, espontaneamente. Nestas declarações, existe uma contraposição desta instituição com respeito às outras, onde uma relação tensa feita de oposição, dependência e autonomia relativa, parece surgir de forma mais ou menos nítida. A partir destas contraposições, de conflito intestino, no discurso dos agentes, a AVIM estaria encontrando uma redefinição de sua atuação e identidade enquanto instituição. Escolhemos três das mais citadas, e também das mais importantes: com a Congregação/Igreja/padres; com a CETREN⁶; e com a Prefeitura.

A relação da AVIM com a Congregação (a Pia Sociedade dos Missionários de São Carlos) com certeza deveria ser a mais determinante das três, já que vem bem explicitada no estatuto e está ligada à sua fundação e à utilização do espaço físico de uma paróquia do centro de São Paulo. Entretanto, com a exceção óbvia de Adão, ela é pouco ou nada mencionada nas outras entrevistas. Dinah não a cita uma vez sequer, e Benedito se refere apenas a este ou aquele padre como alguém com quem se dava bem e o ajudou, ou que antipatizava. Adão menciona o longo trabalho que teria feito entre os dirigentes e funcionários da instituição no sentido de humanizar o relacionamento entre eles, e principalmente com aqueles que são atendidos pelo albergue. No entanto, os outros entrevistados não fazem qualquer referência a tal ação. Há um momento, pelo contrário, em que Benedito comenta, como que para valorizar

o seu "chefe", o dia em que este desabafou diante dos padres... Teria sido um momento de enfrentamento direto em que uma situação de conflito latente manifestara os seus sinais. É nesse sentido que podemos perceber em Carmem considerações um tanto quanto veladas sobre um relacionamento conflituoso entre a direção da AVIM e membros da Congregação (ou mesmo com a própria). Podemos perceber isso em determinado momento da sua entrevista, quando se lhe pergunta se existiam outras entidades que ajudavam a AVIM, além da Igreja. Neste momento ela inicia uma crítica áspera àqueles que se dizem ajudá-la, com doações ou através do voluntariado. Num discurso marcado pela desilusão e o ressentimento, faz a crítica de qualquer forma de voluntariado. No entanto, é no início da entrevista, quando fala dos primórdios da AVIM, que fica mais explícita essa relação de confronto com a Igreja, e sua "sensação" de autonomia em relação a ela. Nesta sequência, os verbos dizem por si só do distanciamento deles como associação de leigos, com respeito aos padres da Congregação:

"No início nós alugamos uma sede mas, essa sede, era muito pequenininha; quando esse padre se ordenou, foi-nos cedida, aí no prédio da Congregação, duas, três salas para o início do trabalho. Nós começamos ali a trabalhar, trabalhar e depois fomos pegando o espaço da Congregação, fomos roubando o espaço da Congregação. Hoje nós temos 250 leitos..." (grifo nosso)

Assim, podemos perceber indícios daquilo que seria um conflito, feito de oposição e de complementariedade, já muito estudado em sociologia religiosa, entre clero e leigos⁷. Parece que seja este o caráter desta relação contraditória entre a associação leiga, a instituição AVIM, e a Congregação: uma relação tensa, feita de um apoio declarado mas não realizado de fato; feita de concessões, de luta por autonomia e de disputas intestinas por espaços de influência. Tudo isto surge explicitamente verbalizado quando Adão trata de sua situação peculiar dentro da AVIM. Ele inicia comentando o fato dela ter nascido da generosidade carismática de um padre, e que depois da morte deste, teria sido

abandonada pela Congregação nas mãos dos leigos. Como ele diz, "ela nasceu um pouco órfã da Província", pertencendo à Congregação, e sendo ao mesmo tempo autônoma, por ser uma associação leiga, "com um grupo de leigos forte". A seguir, ele fala de sua situação:

"Eu percebi que realmente a minha presença lá era um dilema porque eu tava representando uma Ordem, eu tinha uma função e ao mesmo tempo nenhum tipo de poder decisório, pra direcionar um pouco e melhorar as linhas de ação, etc. Eu me senti como um sanduíche entre a diretoria da AVIM e a Congregação, que me enviou como representante seu, mas sem saber bem qual era a minha função. (...) Eu percebi três presenças na AVIM bem específicas: a presença disciplinar-administrativa, a presença funcional-técnica e a presença eclesial. E não tinha muita integração entre elas; cada uma fazia dele estanke. Eu tentei juntar as coisas, tentei humanizar o técnico, que era simplesmente frio, era cumprir ordem, e tentei humanizar também o disciplinar-administrativo. O importante era funcionar, era o número e, para mim foi um choque violento esta posição, esta presença dentro da AVIM." (grifo nosso)

Adão evidencia aqui a sua angústia de se sentir o intermediário entre duas instituições que se encontram numa situação latente de conflito, com o dever de consciência de defender os dois lados e ao mesmo tempo exercer o seu papel religioso de "humanizar". Nesse sentido a palavra "sanduíche" é extremamente sugestiva desta consciência aguda de sua própria situação dentro da instituição. Evidencia por conseguinte, este aspecto de instituição dotada de uma autonomia relativa em relação à Igreja, que gera toda uma sensação de ambiguidade com respeito à hierarquia de poder na sua gestão interna e mesmo na definição de sua identidade institucional, e que a expressão "associação leiga" acaba encobrendo.⁸ Esta ambiguidade explicaria a aparente ausência da influência da Igreja no funcionamento quotidiano do albergue, ou a enganosa sensação de plena autonomia e legitimidade exprimida por Carmem, assim como a posição indefinida em que se encontra Adão no gerenciamento de uma

instituição, em que ele seria talvez o único a refletir sobre a sua situação atual frente à proposta original. Logo, se pudermos chegar a uma primeira conclusão sobre como se caracterizaria a relação entre a Congregação e a instituição AVIM, diríamos que é uma relação ao mesmo tempo **contraditória e ambígua**. Isso porque, como associação leiga, ela se move no campo próprio das entidades da sociedade civil e nesse sentido ela não teria nenhum caráter propriamente religioso, ou este teria pouca ou nenhuma relevância - o que justificaria a omissão da Congregação na sua condução, ou pelo menos explicaria a sua hesitação em como se comportar frente a esta instituição. No entanto, as origens da AVIM, sua regulamentação estatutária, e mesmo a base de seu funcionamento (o prédio) estão ligadas à Congregação. Foi a inspiração de um determinado padre, seu idealismo, motivando certas pessoas através de seu relacionamento pessoal que levou à sua criação: esse idealismo ainda se percebe nas falas de Adão e Carmem. Esse caráter de relações pessoais, esse idealismo de fundo religioso, não impediram este padre de fazer um estatuto em que a Igreja e a Congregação são formalmente associadas à condução da instituição. Mesmo sendo uma associação leiga, onde os ditos "leigos" são os principais agentes (pelo menos em nível de funcionamento quotidiano), esta relação ambígua levou a Congregação a encarregar Adão de acompanhá-la, mesmo sem ter realmente qualquer poder de decisão, deixando-o na situação de um "sanduíche".

Quanto a uma segunda vertente de relacionamento institucional, durante as entrevistas, todos foram chamados a se expressar (ou se manifestaram espontaneamente) sobre as relações da AVIM com a CETREN. Como se trata de uma instituição pública com uma finalidade semelhante à da AVIM, atendendo basicamente o mesmo tipo de público (ou "clientela", no vocabulário das assistentes sociais), o que se percebe em todas as falas é algo próximo a uma relação de **concorrência**. Em quase todos existe uma constante atitude de comparação entre o que existe e se faz numa instituição e na outra, havendo a tendência de se sublinhar o lado negativo da CETREN e as "vantagens" da AVIM. Assim, Adão

fala da AVIM como uma casa de acolhida, onde existe liberdade e se incentiva para que com responsabilidade todos procurem a solução para seus problemas, embora sempre haja aqueles que não saibam usá-la, em comparação com a CETREN, uma instituição mais determinista, fechada, com os defeitos do desperdício e empreguismo das instituições públicas, além de obter resultados decepcionantes. Também Carmem fala da AVIM como uma casa de acolhida, que aceita todos, dá um mínimo de assistência e procura dar um primeiro "empurrãozinho"; já a CETREN não estaria aceitando ninguém, colocando uma série de condições para atender qualquer um, apesar de possuir mais espaço e acomodações. Esse comentário é reafirmado pelos outros entrevistados. Na verdade, ninguém desejaria ir para lá, essa é a opinião de todos, já que na AVIM se pode sair e na CETREN se fica preso. Dinah, na sua relação profissional constante com outras assistentes sociais, em particular da CETREN, é especialmente crítica, falando de um relacionamento difícil devido a uma "guerra de empurra" nos encaminhamentos entre as duas instituições. É somente Benedito que cita as vantagens da CETREN, apesar de sua intenção inicial de defender a AVIM: ele fala que lá existe uma "infinitudes de coisas", do conforto, da existência de uma creche, do "marmiteix" - em comparação ao "sopão" que é dado na AVIM.

Em todas essas declarações percebe-se o desejo unânime de se justificar o tipo de tratamento dado no quotidiano da AVIM, e o esforço em se afirmá-la como alternativa frente à outra instituição assistencialista. Seria talvez o caso de se arriscar uma suspeita, a de que haveria um "campo" de forças, um "mercado" concorrencial, próprio da área de atendimento assistencial. Isso, no caso da AVIM, talvez seja tanto mais forte porque desde as suas origens ela procurou se propor como uma instituição que buscava dar um atendimento mais humanitário ao migrante, possibilitando-lhe uma melhor inserção no contexto onde chegava, no caso São Paulo, ou no mínimo o melhor encaminhamento possível àquele que está de passagem pela cidade e passa privações. Nesta relação de "concorrência", a AVIM não

AVIM

deixa de procurar se redefinir de maneira positiva, mesmo na situação de extrema precariedade por que passa, e apresentar uma imagem positiva diante da sociedade em geral. Mesmo que na prática, os que são albergados percebam uma sensível diferença entre um "so-pão" e um "marmitex".

Por fim, a AVIM vê-se obrigada a relacionar-se com a Prefeitura, devido às suas necessidades de financiamento. Trata-se de uma relação de **dependência econômica**, que se transforma numa relação de **subordinação burocrática e política** frente aos órgãos públicos municipais,



Foto: Ana Cristina A. Nasser

tornando praticamente a instituição um albergue público: no limite, um "pernoite" a mais para a população de rua e desempregados sem moradia. A necessidade do convênio, conforme a opinião de vários entrevistados, se constitui numa das causas da deterioração do serviço prestado pela instituição. Segundo Adão, a Prefeitura se preocupa com o problema social como um todo, com todos os tipos de carentes, não havendo uma preocupação especial para com o migrante. Isso leva a um desvio da finalidade da instituição, a uma mudança da população atingida. Isto é confirmado por Benedito, para quem a Prefeitura só manda "maloqueiros", e também por Dinah, que diz que a Prefeitura, junto com os hospitais e outros órgãos públicos, vem distorcendo o trabalho da AVIM, na medida em que ela envia diariamente grupos de desempregados para serem alojados. Essa subordinação política se revela no cotidiano pela necessidade de Dinah elaborar mensalmente planilhas, assim como relatórios mais ou menos detalhados, sobre o pessoal albergado. Esse procedimento burocrático, junto a todo tipo de negociação junto à Prefeitura para se renovar o convênio, mostram como essa dependência econômica pode

se transformar em dependência e clientelismo político num plano mais geral.

É através de Benedito que pudemos perceber o peso dessa dependência econômica, e como ela acaba condicionando politicamente a condução da AVIM. Ele lembra das dificuldades econômicas criadas na administração anterior à do "Maluf" (ele não cita nominalmente "quem" foi a outra administração), quando por motivos fiscais, "o caso da nota fiscal", a Prefeitura deixou de pagar por oito meses a verba do convênio. Esse momento de precariedade, de "sufoco", deixou clara a dependência econômica com respeito ao poder público, criando ao mesmo tempo uma situação de enfrentamento. Foi a ocasião para o diretor econômico, num gesto de voluntarismo (de hombridade?), pagar com seu "próprio bolso":

"Por exemplo, na época, que nem o ano passado, nesses oito meses que a Prefeitura não pagou as verbas, o ... 'ponhô' do bolso e não quer nem saber. E ele falou na reunião de fim-de-ano que a gente teve nesse fim-de-ano aí, ele acabou! E ele falou pros padres..., eu nunca vi o ... daquele jeito, deixou ninguém falar na reunião, deixou ninguém falar, falou (...)

Mas também ele tava chateado! Muito dinheiro ele pôs! Mas deve ter recuperado. A Prefeitura pagou, só que quando pagou, pagou como quis; pagou pela metade do que tinha que pagar."

O diretor econômico, a "chefia" nas palavras de Benedito, mostra-se o provedor do albergue e aquele que se impõe diante de todos, diante dos funcionários, da Prefeitura e até mesmo dos "padres". Assim, Benedito não esconde sua admiração e respeito por seu superior, provedor da instituição, como não esconde sua admiração pela administração municipal que restituiu o convênio e devolveu um pouco de estabilidade à situação do albergue, e que ele personaliza na pessoa do "Maluf": "o Maluf tá dando muito apoio nessas coisas, inclusive abriu aí o convênio, na época tava fechado, quando ele entrou". Essa relação de poder interno e externo personalizada, arriscaríamos dizer clientelista, está toda apoiada na dependência econômica com respeito ao poder público, e na maneira voluntarista e pouco formalizada com que é conduzida a administração diária do albergue. Com efeito, é esta formalização precária, marcada pela coerção e pela violência, que se evidenciará no

modo como são triados e tratados aqueles que são atendidos, no modo como se organiza a disciplina interna e as normas da casa.

As normas de controle e disciplina

A partir daquilo que já foi exposto já se pode vislumbrar o modo como se dá a organização do espaço interno da instituição, e como os diferentes agentes em questão se relacionam entre si. O modo como cada entrevistado se posiciona frente à instituição e como interpreta a sua atuação no seu interior, já diz muito sobre o modo como se pauta a sua relação com os outros agentes. A situação espinhosa em que se encontra Adão, como um intermediário entre a Congregação e a Associação leiga, que se vê esvaziado de sua autoridade e função; os trâmites burocráticos que envolvem a atividade profissional de Dinah; a relação de dependência pessoal, afetiva e clientelista se sobrepondo a qualquer relação de caráter mais formal, tal como se expressa com Benedito e Carmem; e Carmem incorporando em si mesma a legitimidade sobre a condução da instituição. Faltaria nos aproximar do modo como estes agentes vêem e atuam junto aos atendidos, sejam migrantes ou não. Resta tratar das mediações concretas com que o albergue, através destes agentes, realiza a sua atividade principal, a de dar atendimento a um público carente, e conseqüentemente, como se organiza o funcionamento do albergue em função dessa demanda.

Como já se fez referência, Adão é o único a tentar visualizar de maneira ampla o funcionamento da instituição, confrontando com aquilo que seriam os seus objetivos originais. Nesse sentido, é o único que faz uma crítica aberta e elaborada sobre a forma "albergue" de atendimento à população carente. No entanto, ele faz isso ainda na tentativa de justificar o funcionamento do albergue como um mal necessário, um "pronto-socorro social". Há um determinado momento em que ele procura mostrar a AVIM como um lugar que, por seu funcionamento interno, força as pessoas a se "virarem", na medida em que, através de uma certa "liberdade",

leva-as a procurarem a solução de seus problemas, a não caírem no comodismo. Dessa forma, ao mesmo tempo que justifica a necessidade de instituições assistencialistas, ele as critica fortemente. Segundo ele, qualquer assistencialismo, acostuma mal uma multidão de pessoas, "não transforma, não resolve, não soluciona, não leva a nenhum tipo de resultado." Falando dessa maneira, ele direciona suas críticas sobretudo ao funcionamento das instituições públicas de assistencialismo, ressaltando que elas não educam, levando a uma dependência extrema que não permite o crescimento da pessoa, a que ela alcance a sua autonomia e dignidade de pessoa humana. E é assim, justificando contraditoriamente a necessidade da forma "albergue", que ele fala do efeito "instituição" sobre a pessoa do migrante:

"...na AVIM é o seguinte: fazendo uma comparação de onde o migrante parte, da situação social dele e do horizonte de sentido de cultura de onde parte, ao entrar em contato com a cidade grande, com a instituição, com a disciplina, tudo isto, ele fica profundamente violentado."

A seguir, ele elenca uma longa lista de normas disciplinares do albergue que traduzem na prática como essa violência ocorre: o fato de separar homem e mulher; a comida uniformizada, a sopa; o silêncio; o horário; a questão da limpeza, do banho, da ordem; a ficha e o cartão; a chave. Em tudo isso Adão sente uma violência em relação à pessoa do migrante, ao mesmo tempo que afirma a sua necessidade para se manter a disciplina e o controle interno.

De fato, a disciplina e o controle parece ser uma das preocupações mais correntes dos agentes que atuam na AVIM, e que ocupa uma parte considerável de suas atividades. Começa pela necessidade de se fazer uma triagem de todos aqueles que entram e pedem para se alojar no albergue; de registrá-los e providenciar os encaminhamentos (se tais são possíveis) para tentar solucionar as suas demandas. Este procedimento inicia na própria portaria, onde se admite alguns e se barram outros (geralmente bêbados), passa pelo contato com a assistente social (normalmente Dinah) que faz o registro e dita as normas

da casa, para depois enviá-los ao banho, à janta onde é servida a sopa, e enfim para serem encaminhados aos dormitórios. É nesse trajeto que vão ocorrendo os conflitos e a resistência dos albergados. Começa na própria portaria, onde ocorre o conflito com aqueles que estão embriagados e insistem em entrar. Houve muita insistência entre os entrevistados neste tipo de conflito, onde normalmente Benedito surge como aquele que garante que a norma da não entrada de bêbados será respeitada, ao custo de várias ocorrências de agressão e violência. No entanto, os conflitos prosseguem com a exigência de se guardar os objetos de uso pessoal no guarda-volumes do albergue, sobretudo as ditas "armas". A propósito dessa necessidade, é várias vezes lembrado pelos entrevistados a ocorrência de brigas entre os albergados e entre estes e os funcionários. Sobretudo Benedito e Carmem tratam dessa dificuldade, usando muitas vezes um linguajar que se assemelha ao jargão policial: "porque nós também fazemos umas batidas, né, uma vez por semana. É, a gente tira revólver, tira faca, tira ... porque eles não sabem discutir". Outra norma que facilmente provoca conflitos diz respeito à separação de casais e famílias, pois os homens devem se recolher em dormitórios separados de suas mulheres e filhos - neste ponto os próprios agentes da instituição concordam sobre a sua severidade. Benedito descreve longamente o caso de uma luta que teve com um albergado que se recusou terminantemente a dormir separado de sua esposa. Este fato merecerá abaixo algumas considerações especiais.

Se as ocorrências de violência parecem mais palpáveis nesses momentos, ou na resistência a se cumprir outras normas como a obrigatoriedade do banho, a proibição de se trazer comida de fora para se consumir na hora da janta, a obediência aos horários de fechamento do albergue, de se deitar e se levantar - por outro lado, a violência pode se manifestar de maneira mais velada, mas não menos intensa, em outras práticas usuais na ordenação do espaço do albergue e de controle das pessoas albergadas. Um exemplo claro disto está no uso de um microfone onde se ditavam diariamente as normas da casa, que eram divulgadas através de um alto-

falante. Mais do que lembrar as normas, este instrumento era utilizado de forma generalizada para ameaçar e coagir àqueles que eram albergados, para que procurassem trabalho. Isso fica evidente na entrevista de Carmem, quando depois de mencionar que ninguém desejava ir para a CETREN, diz aproveitar desse fato para ameaçar à noite os albergados através do alto-falante:

"Até que a gente amedronta, a gente fala assim: 'Olha, se vocês não começarem a procurar trabalho...' Porque tem muitas pessoas que ficam acomodadas. Então a gente fala: 'Olha, se você continua. Então a gente sem arrumar trabalho, vai encaminhado pra CETREN'. Nós temos um microfone. Toda noite a gente dita as normas no microfone. Então, a gente já dá um alô geral, não fala nome né, mas: 'Olha, tem muita gente acomodada aí, amanhã vamos encher uma perua de quem não quer trabalhar; então vocês vão ser encaminhados para a CETREN.'"

Na verdade, essa violência que permeia o itinerário da passagem daqueles que são atendidos pelo albergue, pode ser sentida mesmo na necessidade de se fazer um registro e no uso do cartão que garante a entrada e saída livre dos albergados durante sua estadia. O procedimento de registro diante da assistente social pode ser um exercício humilhante na medida em que o atendido se sente desnudado e em situação de carência diante de alguém que só se orienta por procedimentos técnicos e burocráticos. O caráter frio e constrangedor desses procedimentos está tanto no "rosário" sobre as normas da casa que é ditado a cada um, como também no interrogatório a que qualquer atendido se vê exposto. Num dos relatos de Dinah isso fica evidente, quando ela discorre sobre no que consiste o preenchimento do livro de registros. Ela conta o caso de uma albergada que não se enxergava como uma analfabeta:

"O analfabetismo é muito grande. Rapaz jovem - eu até me assusto - 20 e poucos anos: analfabeto! Ou então só assina o nome. Eu falo: 'Você continua analfabeto, porque só assinar o nome, não quer dizer que você é alfabetizado! Tem que saber ler, escrever.' Uma vez, uma mulher falou pra mim: 'Eu não acredito que eu sou analfabeta!' Eu falei: 'É.' Ela: 'Mas eu sou...' Eu

falei: 'É, você só assina o nome! Você copia! você copiou! você tem, mas você...' Eu falei pra ela: 'Você tem que saber ler.' 'Mas a senhora vai por...' Ela falou pra mim: 'A senhora vai por aí no livro?' Eu falei: 'Vou, porque você não sabe ler, você não sabe escrever. Você tem que saber as quatro, você tem que saber somar, as quatro operações, você tem que saber ler, saber escrever. Só assinar o nome é analfabeto'. A maioria é."

Esse diálogo é particularmente sugestivo de como uma entrevista como essa pode ser humilhante para quem é atendido, e por outro lado, pode ser uma oportunidade para um exercício de poder por parte da assistente social. O livro parece surgir, para aquela que é atendida, como um lugar onde se escrevem as atas de uma condenação: analfabeta! Ela parece não acreditar, e o relato apenas sugere a vergonha e horror que ela estaria sentindo. A assistente social aparece investida então de uma grande autoridade, advinda de sua formação educacional e profissional. Ela está investida de um poder de juiz, pois apresenta a capacidade de decidir o que é analfabeto ou não. Dessa maneira ela se diferencia daquela que é atendida, e que se vê obrigada a se alojar no albergue. Esse contato direto entre a instituição, na pessoa de um de seus agentes, e o albergado, é uma situação quase liminar. Esta situação se configura assim como um momento em que a distinção entre as pessoas se faz também como distinção entre a instituição que acolhe e a pessoa acolhida. Numa instituição onde os instrumentos formais e institucionais parecem tão pobres e precários, a distinção entre aqueles que representam a instituição e aqueles que são albergados tende a se traduzir também numa distinção personalizada, onde existe sempre o exercício de alguma forma de violência.

No entanto, o controle e a disciplina passam também pelo emprego do cartão. Dinah o menciona como um instrumento para se controlar a entrada e saída da instituição, bem como para se saber quem já foi registrado e ainda se mantém alojado. E também um instrumento importante pelo qual se poderá fazer as planilhas que balizarão a confecção do relatório enviado mensalmente à Prefeitura, para informar sobre o movimento do albergue. Ela relata,

por outro lado, como o cartão, este instrumento de controle, é utilizado por aqueles que são atendidos como um meio de burlar o regulamento e os controles da instituição e poder se manter nela. O que ocorre é que muitas vezes, alguns dos albergados, quando podem, saem da instituição sem comunicar a sua saída, levando junto consigo o cartão, na esperança de que com ele não se impedirá a sua entrada num outro momento de necessidade. No entanto, todos os cartões são datados para indicar o momento de sua utilização. Como diz Dinah: *"Termina a obra, ele já vem, porque a ... fala: 'quem tem cartão entra.' Ela não vai olhar em cada um, a data. Você vê como eles são: muito mais espertos do que nós"*. Esse uso do cartão revela na verdade, uma das muitas estratégias de sobrevivência desta população em situação precária, para poder voltar ao albergue quando então não se poderia.

Ao uso do cartão como meio de controle da permanência, bem como em resposta ao apego dos atendidos ao cartão como forma de se manter no albergue (ou de garantir a possibilidade de voltar sem problemas à instituição), existe o uso do cartão como meio de coagir os albergados a se manter em estado de alerta e procurando trabalho. Nesse sentido, essa moralidade do trabalho parece bastante arraigada em Carmem, contrapondo-a aos albergados, que ela julga sempre pouco predispostos a trabalhar. Na continuidade do relato do "microfone", o papel de controle exercido pelos cartões, como forma de obrigar os albergados a saírem em busca de trabalho, parece bastante claro:

"Aí, no outro dia, vem todo mundo com o cartãozinho, lá. Porque quando eles entram a gente fala: 'Olha, nós vamos te dar dez dias, só, dez dias'. (...) Então a gente tá sempre apertando, a gente fala: 'Aqui o nosso lema é trabalho; ninguém veio aqui para passar fim de semana, ninguém veio pra férias'. A gente vai apertando. Então, a gente vai pegando aquele cartão todo dia, então a gente vai olhando. Porque nos primeiros dias não, mas daí tem uns que já estão acomodados, então a gente vai. Então, antes de a gente chegar neles, eles já chegam na gente: 'Olha, os meus dias tão vencendo, eu já fiz isso, isso ...' 'Ah, tá bom, então tem mais uns dias'; e a gente vai deixando. Porque a gente tem que ser

dura e tem que ser bom. Não adianta só ruindade"

Efetivamente, a "ruindade" é o que parece predominar no cotidiano de uma instituição que se pretenderia, nas palavras de Adão, ser uma "presença sensível" e "solidária" junto aos migrantes. Carmem mostra consciência de algumas tarefas que devem ser feitas para se mostrar solidariedade àqueles que são atendidos. A sua dedicação pessoal (e afetiva) a esta instituição é reconhecida pelos outros entrevistados. Entretanto, ela parece de tal maneira absorvida em manter o albergue funcionando, em resolver os inúmeros problemas que surgem, que ela parece se entregar aos meios de coação e controle internos (a "ruindade" da disciplina), perdendo assim de vista o horizonte com que esta instituição foi fundada. Existe assim, entre todos, quase que uma acomodação diante das mediações de violência que quotidianamente se entropem entre a instituição e aqueles que são atendidos.

Foto: Ana Cristina A. Nasser

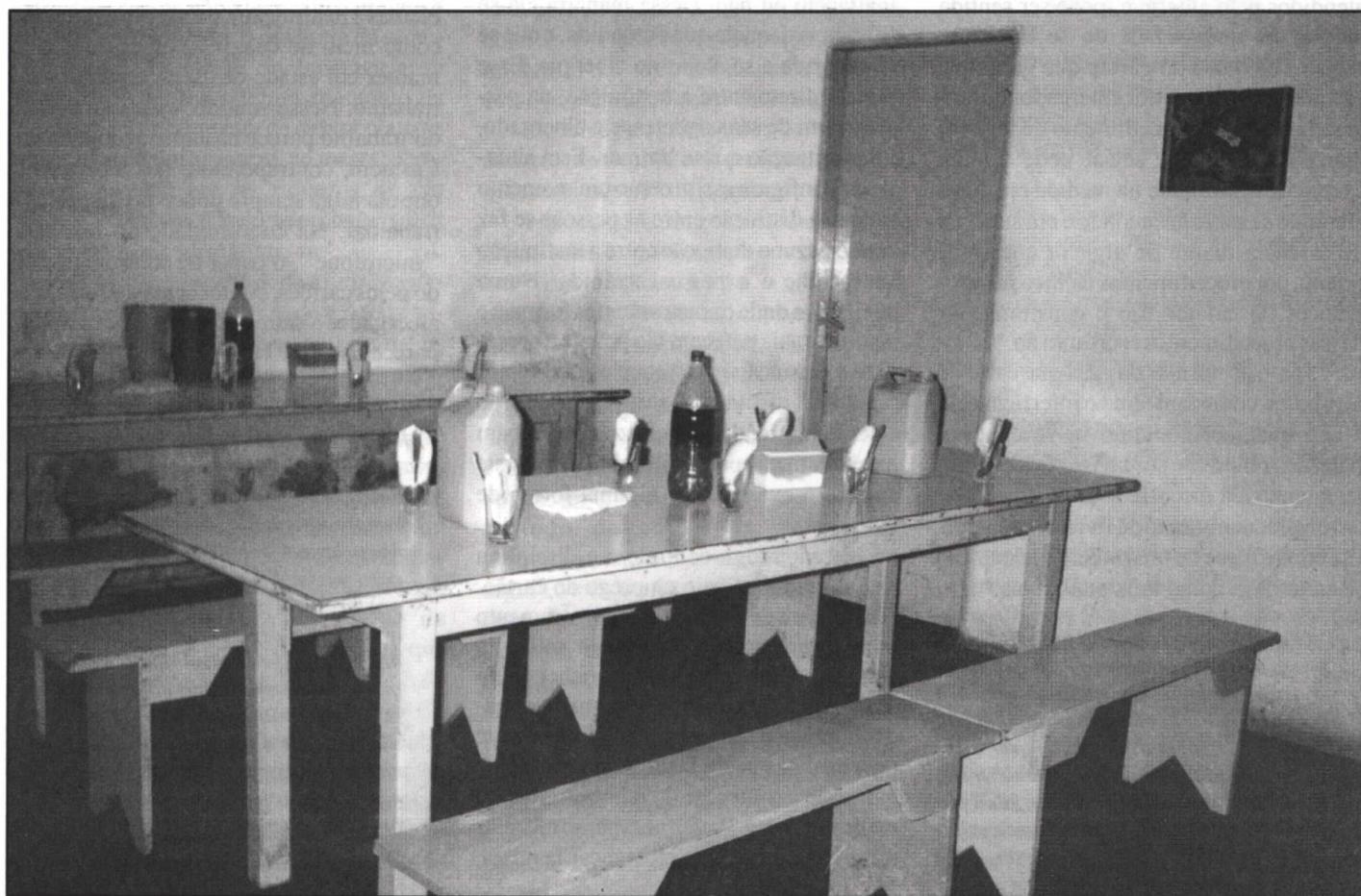
Carmem, como outros entrevistados, parece não mais perceber bem quem são as pessoas que eles acolhem nesta instituição.

Poderíamos então considerar que, se a AVIM mantém uma relação contraditória e ambígua com respeito à Igreja/Congregação; se ela tem uma relação marcada por um certo sentido de "concorrência" com a CETREN; se com a Prefeitura ela mantém uma relação ao mesmo tempo de dependência econômica e de subordinação burocrático-política, para com os albergados ela adotaria uma postura disciplinadora e correccional. Assim, tanto quanto procura dar uma assistência necessária aos atendidos, ela também ensaia uma ação de controle, de correção e de recuperação social. Nesta tarefa, todo o dispositivo de controle é acionado, para além de suas finalidades de disciplina e ordenação do espaço próprio do albergue. Como boa parte das instituições dessa natureza, ela busca enquadrar, classificar, disciplinar, controlar para assim recuperar socialmente aqueles que ela atende:

tudo isso traduz um tipo bem específico de dominação e violência.⁹ Um tipo de violência ao qual a população atendida não fica inerte, procurando sempre formas diferentes de burlar os dispositivos disciplinadores e, assim, tirar o melhor proveito possível dos recursos da instituição, através de vários tipos de estratégias (a sua "esperteza"). É para essa população atendida pela instituição que nós devemos agora voltar nossa atenção.

O MIGRANTE (OU O "PEIXE")

Ao longo deste texto temos evitado em chamar aquele que seria o atendido pela instituição AVIM como o "migrante". Isto porque, entre boa parte dos entrevistados, não existe consenso claro sobre se realmente o atendimento da instituição está voltado predominantemente para o migrante. Na verdade, não existe mesmo consenso sobre o que seja (ou quem seja) realmente um migrante. Isto, embora to-



dos sejam unânimes em dizer que a AVIM continua a atender migrantes, mesmo que seja de forma residual. Nas falas dos entrevistados, em que eles procuram discorrer sobre quem é o atendido pela AVIM, entre a conceituação e as impressões mais ligeiras, se balança entre a desilusão, a revolta, o preconceito e a perplexidade.

A distinção entre o migrante e o público atendido

Começamos mais uma vez com Adão, que sempre procura ter uma visão mais elaborada sobre a instituição e a sua finalidade. Ele é o único a falar em "conceito de migrante", especificamente para tratar da situação migratória atual e a dificuldade de se chamar o público atendido pela AVIM de migrante, devido ao seu perfil problemático:

"Acho que as duas coisas influenciam a questão. Tanto a Prefeitura com o seu poder de financiar como a quebra do conceito migrante. Você não tem mais aquele que chega; somente aquele que chega, está necessitando. Mais ou menos isso: não dá mais pra distinguir quem é migrante, quem não é. Ele chega e diz que é migrante. De qualquer parte, qualquer lugar e qualquer momento. Porque a gente percebe que a necessidade é bastante grande." (grifo nosso)

A primeira questão que se poderia colocar é, qual seria esse conceito, especificamente na visão de Adão, que ele afirma que "quebrou". Percebemos neste ponto que subjaz ao discurso de Adão uma concepção positiva da migração que se liga à sua trajetória pessoal, que se confunde entre uma trajetória de ascensão social e aquela de teor vocacional. A primeira idéia de migração que ele dá está ligada ao "carisma" da Congregação da qual faz parte, e que ele chama de um "ideal superatual". Em seguida ele fala de sua migração pessoal, de agricultor no Rio Grande do Sul, para a carreira eclesiástica, que lhe permitiu passar por vários seminários em várias cidades, inclusive no exterior. Depois fala da migração como a finalidade original da AVIM, a instituição à qual ele foi destinado a trabalhar como religioso.

Assim, seja pela sua experiência pessoal, seja pelo modo como aprendeu a ver a migração, o entrevistado sempre viu a migração como uma trajetória de realização pessoal, de ascensão social e mesmo como um ideal de trabalho de inspiração religiosa.

As pessoas com que ele se defronta, porém, e que se dizem migrantes, o levam a considerar a situação em que o conceito de migrante se "quebrou". É difícil distinguir o que seja um "migrante" no público que é atendido, e ao qual se pode atribuir várias outras denominações: "sofredores de rua", "encortiçados", "favelados", "despejados", "aventureiros", "quem rola pelo Estado de São Paulo"... Ele se mostra perplexo, diante de uma população cuja característica maior é a "circularidade", a dificuldade de se estabilizar, de se fixar em qualquer lugar, e que está em situação de permanente precariedade: "A gente percebe que cada vez mais aumenta o número de pessoas soltas, não mais migrantes, mas de pessoas totalmente no ar que busca acolhida na AVIM ou em outras instituições afins". Refletindo sobre a sua função na instituição, sobre como a AVIM vem agindo, ao final não consegue esconder a frustração diante da realidade cotidiana com que se defronta. Assim ele procura recuperar as trajetórias e possibilidades daqueles que são albergados, de migrantes atendidos à alternativa da "bebida" ou da "resistência", onde as "quebras" são frequentes:

"E depois? Ou seja, depois que você conseguiu isso, ele vai conseguir? E percebe que não, porque muitos caem, muitos quebram, e a resistência se quebra, e a gente percebe na rua muitas pessoas que passaram pela AVIM, quebradas. A gente conseguiu dar o primeiro passo, mas ele não conseguiu resistir pela falta de meios, falta de tempo, e falta de condições. A grande dor da minha parte é perceber que você consegue uma parte e a outra, você não consegue." (grifo nosso)

Nesta sequência, ele procura vislumbrar as possibilidades que restam a este migrante que chega ao grande centro urbano: a "violência", a "passividade" ou a "resistência pela fé". E mais uma vez, a trajetória do migrante surge como um roteiro de "quebras":

"Ele pode partir pra violência, pelo desânimo e pela falta de orientação na cidade grande. Ele se encontra sozinho, sem nome. Aqui ele é o baiano, ele é o pernambucano, ele é o gaúcho. Ele é tudo, menos o Zé, a Maria, o Pedro, o João: já perdeu o nome. Ele não tem grupo social forte que proteja, que ampare; a família se quebrou, ela está perdida em vários lugares. O núcleo familiar se quebrou e a comunidade também se quebrou no sentido que ele fica solto na cidade. Ele se agarra na fé dele que é forte, na resistência muito firme e ele resiste ou ele cai na violência por incapacidade de enfrentar a realidade, ou então cai na quebra da resistência, no álcool - essencialmente o álcool é a saída." (grifo nosso)

Da quebra do conceito à quebra da resistência do migrante, quando a saída (se tanto é que isto seja uma saída) é a bebida, vê-se como Adão delinea a trajetória daquele que é atendido pela AVIM. À quebra de um conceito está associada a perplexidade de alguém que vê a quebra de tudo aquilo que dá estabilidade e condiciona a formação de pessoas: a família, a comunidade, a fé. Como chamar migrantes essas pessoas "quebradas", que talvez um dia passaram pela AVIM, essas pessoas "soltas no ar", circulando permanentemente? Seria o caso de o reconhecer no chamado "mendigo", o migrante que caiu, sem mais resistência, imagem concreta de um conceito que quebrou? É uma alternativa que Adão se nega terminantemente a aceitar. Com efeito, a constatação da "quebra" de um conceito no público atendido pela instituição coloca em xeque a finalidade original que levou à fundação da instituição, para não se referir à motivação que levou Adão a vir trabalhar nela. Ou será que a idéia de "migrante" não passaria de uma abstração que justificaria o funcionamento de uma instituição que não existiria que em função de si mesma?

Este dilema, tão bem elaborado no discurso de Adão, transparece também entre os outros entrevistados. Existe muita diversidade nas declarações sobre quem sejam os migrantes, se o público atendido pela instituição pode ser chamado de migrante, sobre qual seria o perfil deste público. Tanto Benedito como Dinah fazem uma diferenciação entre o migrante e os outros atendidos, que corresponderia

basicamente entre aqueles que chegam da Rodoviária¹⁰ e vêm pela primeira vez para São Paulo, muitas vezes trazendo família, e aqueles que são atendidos na porta, o "povo da rua". Benedito, por exemplo, reconhece a preferência da instituição pelos migrantes, "o pessoal que tá chegando", os que são migrantes de verdade, e que não perturbam, que são excelentes. Ele os diferencia da maioria do pessoal atendido, que possui entre 15 e 20 anos de São Paulo: "esse pessoal que cai na porta!? se deixa a pessoa da porta entrar, esse pessoal é difícil de ser migrante!" Trata-se da maioria dos atendidos da AVIM, e o que os diferencia é justamente a falta de controle: "o pessoal vem de qualquer jeito, eles exigem demais (...) o pessoal aí, não tem conserto!" Também para Dinah, o atendimento de migrantes pela AVIM, aqueles que vêm pela primeira vez, ficou reduzido a algo em torno de 10%, aqueles que vêm da Rodoviária: "Lá eu acho que vocês vão encontrar quem veio pela primeira vez..." Ela lembra do tempo em que a AVIM não pegava o "povo da rua", sendo que atualmente ela atende a doentes vindos de hospitais públicos, aposentados, desempregados. Tudo isso vem fazendo com que o AVIM esteja se tornando um "hospital de segunda linha".

Carmem, a seu turno, parece não negar esse perfil do público atendido, mas ao contrário dos outros entrevistados, e em particular com respeito a Adão, para ela todos eles são migrantes. Essa indistinção chega ao ponto de ela identificar no mendigo, um migrante:

"Tem também uns e outros coitados que, às vezes, não se realizam. Não é tão difícil, os que não se realizam; porque eles batem, batem nas portas: estão sempre fechadas. A facilidade, o que é? É embaixo dos viadutos. Se todo mundo fala 'não, não', o que é que ele vai fazer? Chega no viaduto, o que ele encontra? A cachaça. Esse é o mendigo, o mendigo onde é que fica? É o migrante que não tem onde ficar. Infelizmente o mendigo é o migrante..." (grifo nosso)

Esse migrante, que muitas vezes não se realiza, e que ela chama por diversas vezes de "coitado", que é o mendigo, chega em São Paulo sem orientação, iludido, sem

dinheiro, sempre pobre... Esse migrante, ela também o vê nos velinhos que a instituição atende, os doentes, as mães com crianças, todos aqueles que a instituição alberga. É um tanto obscuro o motivo pelo qual ela insiste em chamar a todos de migrantes (seria uma forma de não se questionar sobre se o albergue está cumprindo suas finalidades?), contudo ela não parece discordar com os outros sobre quem são realmente os atendidos. Assim, atribuindo ou não a denominação migrante aos albergados, se fixando numa caracterização mais descritiva ou então valorativa, carregada de preconceitos ou não, parece haver um certo consenso sobre o perfil do público atendido entre os entrevistados. De um lado, são pessoas que vivem numa "circularidade" permanente, que "roda muito" nas palavras de Carmem, que "não querem serviço fixo" como diz Benedito, gente "solta no ar", que "rolam pelo estado" na visão de Adão: "despejados", "desempregados", "pressionados pela violência", "favelados", "encortiçados", "sofredores de rua", "sozinho, sem nome, sem grupo social". Nesse sentido, entende-se porque Carmem veja neles o "mendigo", o "coitado", o "sempre pobre", "sem dinheiro", o "iludido", "sem documento", "judiado" e "desnutrido", na maioria das vezes um "homem sozinho". Diante deles Benedito não tem qualquer esperança: são um "pessoal sem conserto", "que vem de qualquer jeito", "sem controle", "que não respeita ninguém", "que não querem serviço fixo", "que exigem demais", "que cai na porta" ou então são aqueles "maloqueiros", "sujos" que a Prefeitura envia, e fazem com que ele sinta aquela "infiltração". Enfim, estes que têm por denominador comum o de estarem entrando no caminho da "facilidade", debaixo do "viaduto": a "cachaça", prestes a se tornar "mendigo".

Portanto, vê-se assim que se trata da realidade paradoxal de um público que é enquadrado e reconhecido pela mediação da violência. Dado esse perfil do público atendido, que parece confluir em todos os entrevistados, vemos que o problema da bebida é o tema mais comum que une todos os relatos. De fato, a bebida parece ser a grande causa de conflitos no cotidiano da

AVIM, e por isso o ponto de maior preocupação com respeito ao controle interno do albergue. Quando Benedito fala que eles são "sem controle", ele está se referindo aos conflitos na portaria, quando todos os alcoolizados são barrados (os "pinguço", "bebo"). É também a bebida que desencadeia as brigas entre os albergados, ou entre estes e os funcionários, o que levava à expulsão ou a uma ação repressiva de Benedito. A pedido do grupo, Dinah também falou sobre o problema frequente da bebida, assinalando que por vezes toleravam algum alcoolizado, desde que fosse "quietinho". Assim, a bebida está intimamente associada à violência e à indisciplina, que se volta como julgamento negativo contra os próprios atendidos, pois, na opinião de Dinah, se não existem mais alojamentos nos canteiros de construção civil, é porque "eles" bebem e brigam: "por culpa deles, porque eles brigam, eles se esfaqueiam, eles se agriem, eles bebem muito. Eles gostam da bebida muito cedo (...) a culpa é de vocês mesmos, vocês bebem, chegam embriagados. O patrão quer trabalho, gente! Ele não quer dor de cabeça pra ele!"

O encontro com o migrante

Existe, porém, um outro momento, em que Dinah considera também, procurando entender a situação deles, que a bebida é o desaguadouro da desilusão pela qual todos passam. Neste sentido, ela partilha da opinião de Carmem sobre o processo da migração, explicando também porque "eles bebem muito": a bebida é o desaguadouro da desilusão do migrante. Paradoxalmente, apesar de discordarem na identificação do migrante com o mendigo, neste ponto Adão e Carmem apresentam algo em comum, ao colocar no vício da bebida o final de uma trajetória de migração frustrada. Na fala de Adão, a bebida se encontra no final de um roteiro discursivo marcado por uma série de "quebras" e que foi iniciado pela constatação da "quebra do conceito migrante". Em Carmem, cuja explicação de Dinah é bastante similar, o problema do migrante é que ele é um iludido, pois ele chega sem conhecer a realidade, e ilude também os que moram na sua terra natal, ao não dizer a verdade sobre sua condição,

nas cartas que ele escreve:

“Eles vêm de lá com uma ilusão muito grande na cabeça. Eles não saem de lá porque eles querem, eles não saem de lá só em busca do dinheiro (...) Quando eles chegam aqui, o primeiro passo é procurar escrever uma carta pra mandar pros familiares. Nunca diz que tá num albergue, fala que está bem. Criam uma ilusão para os outros que estão lá. Daí é a ilusão pra lá”. (grifo nosso)

Tanto Carmem como Dinah atribuem a esse relato mentiroso, comunicado através de cartas, a causa da migração, por produzir uma ilusão na terra de origem, levando a mais migração, a mais desilusão, que leva muitos a se refugiarem na bebida, conforme a opinião de Dinah. O interessante a observar é que esta explicação um tanto simplista sobre as causas da migração - que desembocam em última instância na bebida e no limiar da mendicância - coloca de fato os entrevistados, os agentes atuantes na instituição, diante da realidade singular (incontestável) e palpável do migrante. Porque, de fato, diante da percepção de que aquele albergado recém-chegado escreve cartas, não há como negar, ou se perguntar, que ele seja um migrante. É esse um dos momentos em que os entrevistados se traem, porque, no meio da massa indistinta da população atendida pelo albergue, controlada por diversas formas de disciplina e violência, eles mostram a perplexidade e incompreensão diante desse objeto, a **carta**, deixando patente que o albergado tem uma subjetividade, mantém relações necessárias e estáveis com alguma outra pessoa em outro lugar, escreve nela uma *“ilusão”*, e estampa uma **diferença** que nos faz reconhecê-lo como alguém que vem de outra parte, um migrante.

Podemos então afirmar que a realidade migratória está presente na AVIM. E mesmo que ela seja um tanto marginal numericamente, ela possui uma grande significação para os entrevistados. O encontro com o migrante realmente existe e se revela em momentos em que se mesclam a perplexidade, a incompreensão e o preconceito. Nem Carmem, nem Dinah, parecem compreender porque eles escrevem cartas. Vêm apenas o seu aspecto nocivo de

divulgar uma *“ilusão”* para outros pobres, levando-os a migrarem para a cidade. É Carmem quem mais insiste neste ponto, apesar dela reconhecer a importância que a AVIM tem representado para os albergados como ponto de contato e comunicação com as famílias que estão distantes: *“so-mos ponto de referência; eles escrevem carta, eles não sabem pra onde vão, estão aí, escrevem carta pra família - porque a primeira coisa que fazem quando chegam aqui é mandar uma carta pra família - então, nessa carta, eles deixam o nosso endereço.”* Desta insensibilidade diante da alteridade representada pelo migrante no seu gesto de escrever cartas, somente Adão parece escapar. Ele fala da oportunidade de um trabalho de arquivamento, classificação e estudo das cartas dos migrantes para se conhecer mais a fundo qual a sua condição, bem como de sua tentativa de realizar uma pesquisa a partir delas.

Nesta perspectiva, de se conhecer melhor a realidade do migrante, revelando também os seus *“sonhos”*, Adão fala do seu desejo de estudar a cultura do migrante: *“A pesquisa que sempre sonhei, é conhecer um pouco a origem, a cultura do migrante. Não sei se aqui é possível, mas eu queria entender a cabeça do baiano, do pernambucano, porque eu sou sulista. Eu queria entender um pouco isso, porque entendendo a cultura, o horizonte de sentido do migrante, você passa tratá-lo diferente.”* Dessa maneira, com a consciência aguçada pelas contradições vividas no interior da AVIM, ele pretende conhecer a realidade do migrante, enquanto *“outro”*. Por outros nomes, ele toca num outro aspecto em que a realidade do migrante se manifesta no cotidiano da instituição, gerando perplexidade, incompreensão e, facilmente, atitudes de preconceito: o *“pernambucano”*, o *“baiano”*, o *“nordestino”*... Aliás, a perplexidade é a característica marcante das reações de Adão diante do atendido que se manifesta como o outro, o diferente, o migrante. Esta perplexidade se manifesta num momento como constatação de uma mentalidade diferente, à do *“norte”* em relação à do *“sul”* - em que a não-fixação, a falta da noção de responsabilidade de conservação, a falta de sentido de propriedade são as mais

notadas - tudo isso entrando em choque com seus valores, e com a orientação defendida a todo o momento para a AVIM: a de que a solução do problema do migrante é a sua fixação (ou seja a não-migração). É esta perplexidade diante do comportamento do migrante que o motivaria para a pesquisa, como deixa claro em outro momento:

“Se desse para estudar um pouco a questão cultural, da dependência e da obediência; porque depois ele chega em São Paulo e dá aquele revertério, ele se estrçalha. O que é muito forte nele, é a questão da fé também, que é uma resistência firme. Às vezes é fatalista, às vezes ela é muito imediatista. Mas são elementos antropológicos fundamentais para poder trabalhar com o migrante, no nosso caso. (...) Porque são diferenças que enriquecem, não diferenças que diminui, são diferenças profundamente valiosas. Por que ele pensa assim? Por que ele vê assim? Por que ele age assim? De repente, estou com o migrante na minha frente, e não entendo a reação dele.”

Essa consciência tão límpida do significado da alteridade do migrante, dessa diferença cultural, não se manifestará entre os outros entrevistados. No entanto, a perplexidade diante das atitudes, mesmo diante da presença do outro, continuam se manifestando, deslizando com facilidade para uma visão preconceituosa. Isto se evidencia sobretudo quando Carmem e Dinah se manifestam sobre o fenômeno da migração temporária na construção civil, a migração periódica para as festas juninas, ou apenas através do simples qualificativo *“nordestino”*. Ao lembrar o tempo em que trabalhava no departamento pessoal de uma construtora, Dinah fala do comportamento dos migrantes temporários, do *“pernambucano”*, que trabalha na construção civil e, sem motivo considerado importante, deixa o emprego para voltar à sua terra de origem:

“Pernambucano dá muito isso: termina a safra de cana, eles não têm o que fazer, eles vão para São Paulo. Quando a cana cresce, eles voltam lá pra cortar a cana, e a família (...) eles são os que mais viajam pelo Brasil, porque eles vão quatro, cinco vezes pro norte e voltam. Tem os que fazem a rocinha deles, e eles deixam o filho

cuidando e vêm aqui trabalhar na construção. Quando a roça está na hora de colher, ele pede a conta (...) Eu trabalhei e a gente via muito isso. Eles pediam... É um tal de pedir a conta! Ou então ficam com saudades, não tem quem segura. Na hora que ele dá na louca de ver mainha, painho... Não tem quem segura! Aqui eu vejo que o pessoal que leva pra trabalhar em princípio, eles falam: 'eu estou adorando o trabalho dele.' Mas: 'Ah, não. Eu quero ir embora, eu quero ir embora, eu quero ir embora!' A hora que ele sente saudade, não tem quem segure. Ele pede a conta e vai embora mesmo. Chega lá, acaba o dinheiro que eles levam, a situação lá... aí eles voltam.'

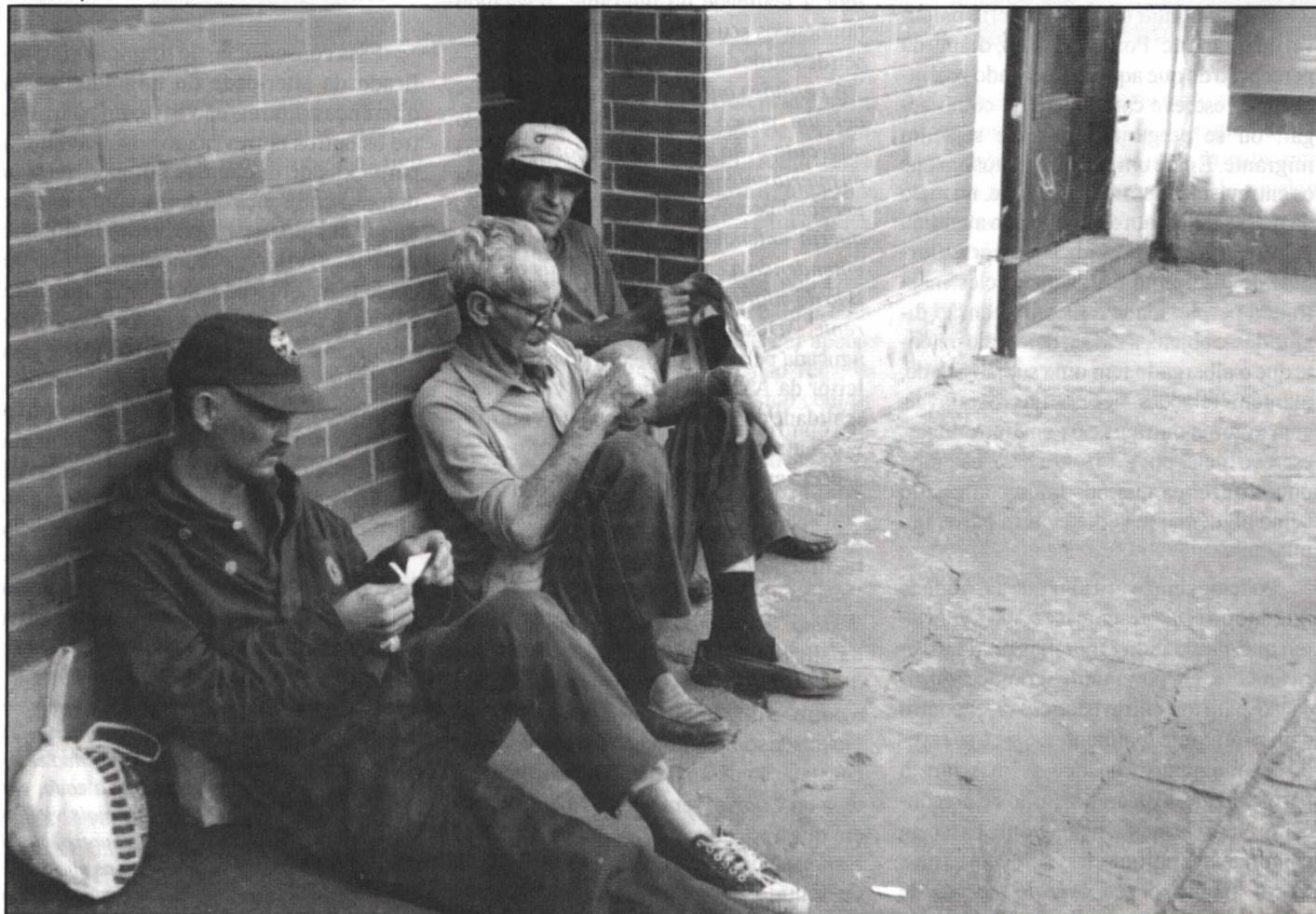
Carmem apresenta impressões parecidas quando trata do retorno periódico dos migrantes, associando por sua vez esse fenômeno às festas juninas. Como em Dinah, a tendência para a incompreensão e o tom preconceituoso também se manifestam, chegando a ser mais intensos:

'Eles têm muito amor à terra deles; eles fazem assim: vêm aqui, trabalham, nem chegam as férias, chega o São João, o bendito São João, que eles têm que passar o São João lá com a família. Não adianta, o São João é sagrado. Às vezes, estão até bem, né; vão juntando um dinheiro, compram um radinho, óculos, roupa e já vão passar o São João em casa. Depois chegam lá, gastam o dinheiro e voltam pra cá. Muitos fazem isso.'

Aliás, é em Carmem que encontramos com frequência a utilização do termo 'nordestino' para chamar aquele que é atendido pela AVIM. Invariavelmente essa utilização possui um caráter estereotipado e pejorativo. Nesse sentido, um dos momentos marcantes de sua entrevista é aquele em que ela associa a figura do mendigo à do migrante, em que ela diz: *"não tem um paulistano, não tem um paulista. E nós não recebemos só nordestinos, nós recebemos de todo o Estado de São Paulo, de*

todos os Estados. Mas a maioria é do Nordeste, onde a situação é pior.' Desta maneira, a associação se completa criando a imagem do migrante fracassado: mendigo-migrante-nordestino. Em outras palavras, aquele que é atendido pelo albergue. Noutra momento, quando perguntada se existem brigas dentro do albergue, mais uma vez ela volta a associar a imagem do nordestino, dessa vez com um homem sempre violento: *"De vez em quando eles tiram umas facas de um tamanho desses, né, porque o nordestino, eles não sabem andar se não com uma faca na cintura (...) nordestino é assim, qualquer coisa é puxar uma faca"*. Em seguida, ela lembra as brigas, a necessidade das normas e da disciplina, e o permanente problema da bebida. Assim outra associação se cria: nordestino-arma/bebida/briga-disciplina. Se este tipo de raciocínio é capaz de justificar o atendimento de um determinado tipo de público pela AVIM, e mais do que

Foto: Arquivo da Pastoral dos Latinos/SP



isso, justificar como imperativo um determinado tipo de disciplina, ele parece impermeável diante do migrante que está ali, e que a palavra "nordestino", por vias tortuosas, acaba reconhecendo como o "outro", o "diferente".

A diferença cultural é aqui vista como problema, insociabilidade, natural inadaptação para a vivência na grande cidade. A incompreensão (e o preconceito é a perplexidade que se acomoda, a incompreensão que se cristaliza e se impermeabiliza, podendo se tornar um princípio de ação) diante da alteridade, talvez bloqueada pela necessidade imediata de dar assistência ao "coitado" que está aí, de fazer funcionar o albergue, impede de ver nesta diferença cultural uma subjetividade portadora de alguma coisa a mais do que simplesmente um problema. Como em Adão, existe a constatação da tendência à não-fixação, a percepção de uma mentalidade diferente - mas essa percepção não gera outra coisa que irritação diante da sua não-conformidade com a sociabilidade urbana de uma cidade como São Paulo, ou a tentativa de enquadrá-los dentro dos estereótipos já formados sobre o comportamento do migrante, assimilando-o ao público normalmente atendido pela instituição, e corroborando a organização e funcionamento do albergue. Dessa maneira, tanto Carmem como Dinah, apesar de frequentemente terem uma relação direta com o migrante, se vêem impossibilitadas de estabelecer uma comunicação com ele enquanto o "migrante", a alteridade que ele significa.

Um migrante inadvertidamente entrevistado

No estudo dessas declarações, e em busca do significado da presença do migrante na percepção dos entrevistados, estranhámos que Benedito não tenha manifestado qualquer opinião sobre o "nordestino", sendo que ele próprio é um nordestino. Esta estranheza é tanto mais forte que ele é o que expressa a maior irritação diante da bebida, das brigas, do açodamento do "povo da rua", essa "infiltração" provocada pelo "pessoal que cai na porta", que "não tem conserto".

Ele quase não emprega a palavra "nordestino", ou um qualquer qualificativo de morador de um Estado do Nordeste, com exceção do momento inicial quando fala de seu Estado de origem, o Ceará. Provavelmente isso se passa porque ele, por sua condição, está impossibilitado de ver em outro migrante "nordestino", o "outro", o "diferente", a alteridade que causa perplexidade nos outros entrevistados. Com certeza, porque ele é um "nordestino", aquele que foi migrante, mas deixou de sê-lo, pois tem mais de dez anos na cidade, teve sua própria história de "queda", de albergado, tornando-se então um funcionário, e agora tenta se identificar como tal. Assim, pudemos perceber que a entrevista com o porteiro, o funcionário, foi também a entrevista como "migrante", um ex(mas ainda)-albergado da AVIM. Nesse sentido é que parece interessante que nos detenhámos no caso peculiar de Benedito, como o migrante que se tornou albergado e funcionário da instituição.

A primeira coisa que se percebe da entrevista de Benedito, é que a sua estabilidade como funcionário da AVIM tem sido muito precária. Inicialmente ele conta a sua história como a de alguém que não conseguiu se ajustar em lugar algum, com exceção da AVIM. Trata-se do caso concreto de uma "migração frustrada", que se confunde com a história de muitos albergados, com a diferença de que conseguiu encontrar a colocação como funcionário da instituição:

"Eu sou do Ceará, eu cheguei aqui migrando, mas eu, por exemplo, eu não estava chegando do Ceará na época, já estava em São Paulo há dez anos. Então tive uma fase, cat e vim para cá (...) Ele sabia que eu tinha essa dificuldade. Ai, um ano, menos de seis meses, eu passei a ser funcionário. Saí! Não trabalhei nem um ano e saí, achei que não dava, não tinha condições porque a turma aí é demais, né! E depois eu quebrei a cabeça lá fora e voltei de novo e continuei trabalhando e fui acostumando com a turma, com os impasse que dava. Dava muitos impasse, Nossa Senhora! briga! cheguei apanhá, cheguei a ir para delegacia (...) Voltei, continuei trabalhando mas, aí foi na época em que meu pai morreu. Ai, na época eu nem tava podendo ir lá. O diretor falou: 'Não! você vai. A gente dá uma força e você vai.' Ai eu pedi

a conta. Ele queria que eu fosse pra voltar logo. Eu falei: 'Olha, se eu for não sei nem se vou voltar.' E eu sei que pedi a conta e fui. Depois de quatro meses eu voltei e continuei trabalhando (...) E, por exemplo, agora eu pedi a conta e saí ..."

Mesmo nesta instabilidade, resumida nesta oscilação entre o "saí" e "voltei", mesmo com a "infiltração" causada pelo "pessoal", ele admite a AVIM como o único lugar em que conseguiu se fixar. Trata-se de uma trajetória que se confunde com a de qualquer albergado, com a diferença de que ele não se vê mais como migrante, nem como qualquer outro albergado, mas como um funcionário. Para tanto, é frente ao público atendido pela instituição que ele buscará se afirmar como tal. Neste ponto, reside boa parte de sua irritação: "Quer dizer, dificilmente se aproveita um que eles considera você um funcionário, aqueles que chega e vai falá assim pra você: 'você é migrante!' ... eu não tou falando que não sou migrante... eles falam: 'eu sou migrante sim!' Não tem nada a ver, eu tou no meio de vocês..., então... há alguns que considera a gente." Sendo funcionário, ele se confunde com o público atendido, pois que, ao mesmo tempo que possui a responsabilidade da portaria, de fazer respeitar as normas, de manter a disciplina da casa, ele possui as atitudes, uma mentalidade e a condição que o aproxima da maior parte dos atendidos. Assim, intolerante até a violência com os bêbados que ficam na porta do albergue, ele não dispensa o "aperitivo" antes da janta. Ao mesmo tempo que mostra desânimo com o "pessoal" que não "querna nada com nada", "sem serviço fixo", ele por outro lado admite que não conseguiu se fixar em lugar algum, a não ser na AVIM. De um lado proíbe a entrada de alimentos diferentes na hora da janta, por outro, não deixa de observar com gosto que é servido "marmitex" na CETREN. Tratando diariamente com um pessoal "sem controle", "sem conserto", "maloqueiros", ele também é um homem sozinho, longe da família, que não se realiza em outros lugares. Homem chamado a manter a ordem, tomar conta da porta, fazer respeitar a disciplina, ele não consegue fazer isso a não ser através da violência e confusão, que o confunde e coloca no mesmo nível do

mais turbulento albergado.

Nesse sentido, ele é propriamente o “porteiro”, o homem da liminaridade, que deve lutar para produzir a sua identidade de funcionário, distinguindo-se, numa faina quotidiana, do público atendido pelo albergue. Uma liminaridade que experimenta na condição de albergado que ainda é, pela sua história de migração fracassada, pela instabilidade no trabalho (que ainda experimenta apesar de tantos anos na instituição), pela solidão e falta de família, pela falta de alternativas... Essa condição, ele a partilha com a maioria dos atendidos, inclusive por estar condenado a morar ali. No entanto, é na condição de porteiro, ao tomar conta da porta, que separa a rua do albergue, que ele experimenta a função de “guardião” da liminaridade: quem pode entrar ou não, quem fica condenado à rua ou pode se submeter ao albergue. Postado no lugar da liminaridade, é ele que deve garantir a ordem que separa os dois espaços, e por isso, é sobre ele que se concentram todos os conflitos, onde, pela mediação da violência, se realiza a distinção e se afirma a disciplina do albergue sobre todo aquele que é atendido. É assim que Benedito, ex-migrante, ainda albergado, mas funcionário, como o homem que vive quotidianamente a liminaridade, deve produzir, inclusive para o bem da instituição, onde as relações pessoais se sobrepõem sobre as formais, a distinção de funcionário frente ao migrante/atendido/albergado, ao custo de que seja inclusive através de uma luta corporal.

Assim, é extremamente elucidativo o caso da luta que ele teve com um albergado que se recusava a admitir a norma de dormir separado de sua esposa, ao mesmo tempo que resistia a sair do albergue. Já mencionamos o caso em que Dinah, frente a uma “analfabeta”, mostra o seu poder de funcionária para enquadrar a quem ela registra, e assim estabelecer a distinção entre o albergado e a instituição, através de um contato pessoal. Tratava-se de uma situação de liminaridade. Aqui, o contato não é só pessoal, mas chega até mesmo ao extremo, ao limite de uma luta corporal, onde a instituição fará respeitar o seu espaço e as suas normas:

“Disse: ‘É a terceira vez que você apronta e tal... você vai pra rua!’ Não vou não! Vai não-vai, vai não-vai, aí fui pra cima do cara. O cara falou: ‘Não mexe comigo que eu sou, eu tenho... como chama? (...) é uma força que eles têm lá, é... Exu! o Exu! ‘Eu sou Exu, não entra não!’ Exu que você for, já vai! Juntei o bicho! Éta homem pra ter força! O homem tinha força! Ai vai, vai, ia um metro pra frente, outro pra trás. Nessa altura tinha dois cara, tinha um cara mais alto do que eu... Ia um palmo pra lá, e outro pra trás, mas não tinha jeito, não ia não! Não tinha jeito! A mulher dele dava risada. Ai é que eu grudei no saco do bicho, digo: ‘Agora quero ver se você tem Exu ou o que é que você tem! (...) Ai foi ligeirinho, mas eu tive que sai pra rua com ele. Depois eu entrei e fechei a porta, em segundos, senão ele entrava!’”

Este relato ilustra como essa liminaridade pode ser imaginada, em seus múltiplos aspectos, como uma luta pessoal, onde Benedito, que a experimenta pessoalmente, define também quotidianamente sua identidade: de migrante/funcionário frente ao migrante/albergado, de albergado/funcionário frente ao albergado/atendido, investindo-se do poder de guardião da porta que faz a diferença entre o albergue e a rua, entre o espaço da instituição com suas normas (sua violência disciplinar) ou a rua (onde reina a violência sem controle). A luta por “metro”, por um “palmo”, disputada longamente num “vai-não-vai”, pra “frente” e pra “trás”, dão uma imagem plástica, desesperada, de identidades que se debatem em busca de se salvar de uma negatividade completa, onde a subjetividade vê-se completamente esvaída. O migrante, que se recusa a se separar da mulher, a dormir na rua, e brada por “Exu” contra o representante da instituição, se defronta com o outro migrante, que encontra na função de funcionário do albergue uma forma de identificação, que o separa da massa dos “sem conserto” e lhe garante uma maneira de se fazer respeitar. Ambos lutam no limiar, numa luta de desespero, resistindo para não “quebrar”. Podemos nos arriscar a dizer, que seria uma luta para salvar os restos de uma subjetividade e dignidade, uma alteridade que se faça respeitar pela intransigência.

Nesse ponto, revendo o caminho feito pelo nosso trabalho, descobrimos uma outra

dimensão das relações entre a instituição e aquele que é atendido. Iniciamos pela imagem da “rede” e do “peixe”, para definir a mútua implicação entre a instituição AVIM e o migrante que ela se propunha acolher, na medida em que dava uma idéia da complexidade do objeto de estudo, em que um pólo necessariamente remetia ao outro. Ao longo do nosso roteiro percebemos os variados tipos de relação que definem esta instituição em particular. A relação de caráter disciplinar e correccional, neste sentido, tinha uma especial relevância, na medida que expunha como se davam as relações entre a instituição/albergue e o atendido/albergado. Nas apreciações dos entrevistados sobre aqueles que eram atendidos, chegou-se a vislumbrar as evidências de um contato significativo com o migrante no quotidiano da instituição. É na perplexidade dos entrevistados, nas suas reações de incompreensão e preconceito, que emerge a alteridade, a “diferença”, onde reconhecemos a presença do migrante. Podemos então falar de migrante quando surge a evidência desta subjetividade que nos escapa, que não se enquadra nas nossas categorias mentais, nas orientações que nos parecem as mais úteis, nas soluções convencionais. O migrante, aquele que veio de outro lugar, se revela enquanto tal por sua diferença cultural, sua subjetividade, que dão consistência à sua alteridade. Nesta busca, nos defrontamos, entre os entrevistados, com um caso de migrante expondo a sua subjetividade, que é também a subjetividade de um albergado, de um caso específico de atendido pela instituição. Neste ponto, a relação entre a instituição e aquele que ela atende, a AVIM e o migrante, entre a “rede” e o “peixe”, se revela na sua forma mais crua como a relação entre o **albergue e a rua**. O que caracteriza essa relação é justamente o fato dela se constituir como território da **liminaridade**. É assim que descobrimos que, na verdade, todo atendido/albergado possui uma alteridade, seja ele migrante ou não. O limiar da porta, entre o espaço do albergue e a rua, é percebido também como o limite daquilo que é normalmente aceito como “sociável”, como “humano”. Aquele que se vê reduzido a este limiar, só pode ter sua alteridade, sua subjetividade, definida pela negatividade, pela carência: tra-

ta-se do "coitado". O migrante, neste ponto, está no limiar de ser confundido com o "mendigo", aquele que escolheu a rua, a "facilidade", e no desespero, não encontra outro paliativo que o albergue. Assim, essa subjetividade para se salvar da negatividade, para se fazer reconhecer como algum tipo de alteridade, facilmente apela para a violência, a revolta, a bebida. E como diz Adão, "essencialmente, o álcool é a saída", antes que todos os laços sociais sejam cortados, antes que toda memória seja desbaratada, antes que se caia no esquecimento de si.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste pequeno estudo, uma das interrogações que nos vem à mente é se aqueles que foram relegados e se conformaram à vida na rua, são realmente esses seres cuja única alteridade possível seria a pura negatividade. Eles não poderiam constituir, por outras vias, outras estratégias de sobrevivência, uma subjetividade que organizasse positivamente sua existência? É sempre uma possibilidade aberta, e que revela na verdade todo o limite deste trabalho. Ao se circunscrever ao conteúdo e à forma das entrevistas concedidas pelos agentes atuantes na AVIM, o que se pode descortinar é o que efetivamente eles representam sobre a instituição em que se empenham, sobre o público que ela atende, e sobre o "migrante", que seria o objetivo primeiro de sua ação. O que se descortina é como se organiza esse espaço interno à AVIM, como são pensadas as suas variadas gamas de relação, e como elas se constituem e se estruturam em seus diferentes níveis de ação. Dentro deste quadro, o que se buscou também foi como é representado o atendimento ao "migrante", se tanto é que eles se permitem chamá-lo como tal. Enfim, como a "rede" e o "peixe" se constituem mutuamente no imaginário destes agentes. Em outras palavras, o intento deste trabalho não foi mais que formar este quadro, que fosse minimamente embasado no dado real fornecido por estes agentes, e sugestivo o bastante para apontar linhas de estudo e compreen-

são desta instituição peculiar, a AVIM. Com todos os limites possíveis, acreditamos que pudemos realizá-lo.

**Sidnei Marco Dernelas é padre carlista e membro da equipe do CEM.*

NOTAS

1) Trata-se do grupo formado por pesquisadores do Centro de Estudos Migratórios (CEM), do Laboratório de Geografia Humana da USP, além de pesquisadores de outras Universidades e Institutos, mais conhecido como GT Migrações - CEM/USP, e que desenvolve essa pesquisa desde 1992. Expressar um agradecimento seria muito pouco diante da imensa dívida que este trabalho tem para com este grupo de estudo e pesquisa. Na verdade, ele é o resultado do trabalho conjunto, não só de feitura, transcrição, leitura e estudo das entrevistas realizadas por todo o grupo, mas também todas as observações sobre a análise do conteúdo das entrevistas e o enfoque dado no seu tratamento devem muito a participação dos integrantes do grupo. É realmente difícil distinguir o que é colaboração de um ou de outro. Pode-se dizer que, se há alguém que realizou as análises e escreveu o trabalho, ele não fez mais que fazer uma síntese mais elaborada do que vem sendo realizado pelo grupo de estudo e pesquisa, e portanto ainda incompleta.

2) Os termos "acolher" e "acolhimento", embora façam parte do nome dado ao projeto de pesquisa formulado pelo grupo de estudo, apresentam certos problemas na medida em que muito se questionou se eles realmente correspondiam às práticas correntes nas instituições de assistência social, como é o caso da AVIM. Entre os entrevistados, apenas o padre tenta fazer uma caracterização do que seria realmente uma forma de "acolhimento" (como tratamento humanitário de qualidade aos migrantes necessitados) em contraposição às formas correntes de atendimento da população que procura estas instituições. Por este motivo iremos privilegiar os termos "atendimento", "atendidos" e "atender", por serem mais abrangentes para designar as práticas institucionais, do que aquela que seria mais idealizada (e desejada) como "acolhimento".

3) Para uma história mais completa sobre a AVIM, remetemos ao artigo de Cutti, neste número da *Travessia*. A Pia Sociedade dos Missionários de São Carlos é o título jurídico da Congregação dos Missionários de São Carlos. Sendo um instituto católico religioso que ultrapassa fronteiras internacionais, está organizada em "províncias", sendo que a AVIM se liga propriamente à Província de São Paulo, com sede na capital paulista. Ao ser fundada, como associação leiga, por um padre, este teve o cuidado de fixar um elo de caráter jurídico entre a Igreja e a Congregação, e a associação. Diz o estatuto no artigo 20 par. 1º, que o Cardeal Arcebispo da cidade de São Paulo será membro da diretoria na qualidade de Presidente de Honra; no par. 2º, que "será membro nato da diretoria, na qualidade de Assistente Eclesiástico", o padre provincial da Congregação; e no par. 3º, um outro padre da "Pia", na ausência do fundador da instituição, participará da diretoria na qualidade de "superintendente". Na entrevista de Adão, desconhecendo talvez pormenores do estatuto, ele se afirma ao mesmo tempo como assistente eclesiásti-

co e superintendente.

4) Para fins deste estudo, optamos em chamar os entrevistados pelos nomes fictícios: Adão, Benedito, Carmem e Dinah. As declarações citadas dos entrevistados estarão transcritas em "itálico".

5) Para que este estudo fosse realmente completo, e se pudesse aprofundar o estudo sobre o funcionamento da instituição, seria necessário a entrevista deste "diretor", que parece fundamental para o cotidiano da AVIM. Ele foi efetivamente entrevistado pelo grupo, mas por extravio da fita K7 o seu depoimento não foi transcrito, sendo ela encontrada quando este artigo já estava pronto.

6) A CETREN (Central de Triagem e Encaminhamento) é um órgão público, ligado à Secretaria da Criança, Família e Bem-Estar Social do Estado de São Paulo, que tradicionalmente faz um trabalho de assistência social com população carente. Na década de 70 e 80, ela foi muito vista como uma central de triagem para migrantes. As considerações coletadas nas entrevistas tratam do funcionamento deste órgão público ainda antes dele sofrer um processo de terceirização no período do Governo Mário Covas, a partir do ano de 1995.

7) Essa categorização "clero-leigos" foi inicialmente formulada por Max Weber, depois aprofundada por Pierre Bourdieu, e já se tornou clássica em sociologia religiosa. Evidentemente que pode parecer abusivo usar aqui esse modelo explicativo, já que não se trata de um "campo" propriamente religioso formado pela instituição Igreja, em que o "sacerdote" e o "leigo" se oporiam e se constituiriam mutuamente nas suas funções e nas suas práticas culturais e religiosas. No entanto, este modelo nos parece importante para ajudar a explicar a ambiguidade reinante nas relações entre a Congregação e a associação leiga AVIM, e que pesou significativamente por muito tempo nos impasses sobre a sua condução.

8) Esta ambiguidade foi quebrada no final de 1996, quando, com a mudança dos padres mais próximos da condução da instituição, inclusive o seu "superintendente", impôs-se a exigência de mudanças na sua forma de gestão e funcionamento. A tensão e o conflito entre a antiga diretoria da AVIM e os "padres"/ Congregação, levou a que a Província rompesse a sua permanente inação, levando a uma pressão direta da direção provincial e provocando uma eleição, em que concorreram duas chapas. Com a derrota da antiga diretoria, um novo grupo de leigos assumiu, trabalhando de maneira mais estreita com a Direção Provincial da Pia Sociedade. Esse episódio deixou claro que as relações com a Igreja são, sem dúvida, as grandes definidoras da identidade e do funcionamento desta instituição.

9) Talvez seja um pouco exagerado afirmar que a AVIM seja uma "instituição total", mas não há como negar que ela se vale de muitos métodos habituais a muitas casas de correção, como penitenciárias, sanatórios, asilos, etc. Nesse sentido, não se pode deixar de lembrar as obras de Foucault e Goffmann, que a partir de registros diferentes analisaram essa forma de dominação, que atinge sobretudo os "marginais" à ordem dominante na sociedade.

10) Desde o princípio dos anos 80, a AVIM mantém um posto de atendimento no Terminal Rodoviário de São Paulo, funcionando todos os dias com três assistentes sociais. Deste posto costumam chegar, através de uma Kombi da instituição, aqueles que correntemente todos os funcionários admitem que sejam realmente migrantes.